



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

CASSIA REGINA ALMEIDA DOS SANTOS

**ANÁLISE DO DINAMISMO DAS EXPORTAÇÕES PARA O MERCOSUL:
BAHIA, PERNAMBUCO E CEARÁ – 1993-1996.**

SALVADOR

1998

CASSIA REGINA ALMEIDA DOS SANTOS

**ANÁLISE DO DINAMISMO DAS EXPORTAÇÕES PARA O MERCOSUL:
BAHIA, PERNAMBUCO E CEARÁ – 1993-1996.**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Economia da
Universidade Federal da Bahia como
requisito parcial à obtenção do grau de
Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Dr. Lívio Andrade
Wanderley

SALVADOR

1998

RESUMO

A análise da dinâmica das exportações para o Mercosul dos estados da Bahia, Ceará e Pernambuco no período de 1993-1996 tem início com o estudo da formação e caracterização da economia nordestina, que passou por três estágios: Isolamento, Articulação e Integração. O primeiro estágio apresenta a dependência econômica do Nordeste com o mercado externo; o segundo se caracteriza pela formação do mercado interno e o terceiro e último estágio, o da integração produtiva, se consolidou com a transferência de capital industrial da região Sudeste para o Nordeste. A partir dos resultados obtidos com a utilização do modelo de *Shift-Share Analysis*, versão de Arcelus (1984), procurou-se analisar o comportamento das exportações de regiões em uma determinada amplitude espacial, identificando os atributos da região de maior relevância e a composição da sua estrutura produtiva. Os resultados obtidos com a utilização do modelo foram diferenciados para cada estado, com características próprias da estrutura setorial de cada estado. A Bahia teve um desempenho razoável nas exportações do gênero de bens intermediários; o Ceará se destacou nas exportações de bens de consumo final para o Mercosul, com destaque para o gênero têxtil e suas derivações; o estado de Pernambuco apresentou um desempenho favorável no gênero de bens de capital, tanto no volume total de produtos exportados pelo estado, quanto em relação a amplitude espacial, destacando-se nas exportações de material de transporte, máquinas e equipamentos eletro-eletrônicos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 Estágios de Desenvolvimento da Economia Nordestina.....	9
Tabela 2 Distribuição Relativa do Valor de Transformação Industrial do Nordeste - 1949/1992.....	12
gráfico 1 Participação relativa do valor de transformação industrial do nordeste 1949- 1992.....	13
Tabela 3 Nordeste: taxa média de crescimento do pib, da formação de capital do setor público e o coef. médio de investimento - 1970/1996.....	14
gráfico 2 Participação dos principais produtos nas exportações do nordeste em 1980.....	16
gráfico 3 Participação dos principais produtos nas exportações do nordeste em 1990.....	17
Tabela 4 Exportações e importações brasileiras totais e para o mercosul.....	19
Tabela 5 Exportações e importações brasileiras para e do mercosul segundo regiões brasileiras-1995.....	20
gráfico 4 Participação das regiões nas exportações para o mercosul em 1995.....	20
Tabela 6 Exportações nordestinas para o mercosul: Bahia, Pernambuco e Ceará.....	21
Tabela 7 Taxas de crescimento para o Mercosul: Bahia, Ceará e Pernambuco.....	22
Tabela 8 Distribuição relativa das exportações para o Mercosul: Bahia, Pernambuco e Ceará por grupo de transformação industrial do Nordeste - 1992-1996.....	23
Tabela 9 Taxa de crescimento das exportações para o Mercosul: Bahia, Pernambuco e Ceará por grupo de industria de transformação do Nordeste - 1993-1996.....	24
Gráfico 5 taxas de crescimento.....	24
Tabela 10 Exportações de bens intermediários para o Mercosul: Bahia, Pernambuco e Ceará.....	25
Tabela 11 Exportações de bens de consumo para o Mercosul: Bahia, Ceará e Pernambuco.....	25
Tabela 12 Exportações de bens de capital para o mercosul: Bahia, Ceará e Pernambuco.....	26
Tabela 13 Valores e participações médias totais e para o mercosul - 1993/1996- Estados/Regiões/País.....	27
Tabela 14 Valores e participações médias totais e para o mercosul - 1993/1996 - Regiões/País.....	27
Tabela 15 Matriz de informações por grupo de produtos de transformação do Nordeste.....	33
Quadro 1 Sinais dos componentes Shift-Share Analysis na versão de Arcelus.....	35
Tabela 16 Bahia: Impacto total, exógeno e endógeno das componentes do modelo na variação das exportações para o Mercosul....	38
Tabela 17 Bahia: Grau de especialização por ano base.....	38
Tabela 18 Bahia: Indicadores de exportações para o Mercosul no período de 1993-1996.....	39
Tabela 19 Bahia: Indicadores de crescimento das exportações para o Mercosul de 1993-1996.....	40
Tabela 20 Pernambuco: impacto total, exógeno e endógeno das componentes do modelo na variação das exportações para o Mercosul.....	41
Tabela 21 Pernambuco: Grau de especialização por ano base.....	42
Tabela 22 Pernambuco: Indicadores de exportações para o mercosul no período de 1993-1996.....	43
Tabela 23 Pernambuco: Indicadores de crescimento das exportações para o mercosul de 1993-1996.....	43
Tabela 24 Ceará: Impacto total, exógeno e endógeno das componentes do modelo na variação das exportações para o Mercosul....	44
Tabela 25 Ceará: grau de especialização por ano base.....	45
Tabela 26 Ceará: indicadores de exportações para o mercosul no período de 1993-1996.....	45
Tabela 27 Ceará: indicadores de crescimento das exportações para o mercosul de 1993-1996.....	46
Tabela 28 Indicadores das exportações para o mercosul no período de 1993-1996- Amplitude Espacial.....	47
Tabela 29 Indicadores das exportações para o mercosul no período de 1993-1996-estado.....	47

SUMÁRIO

	LISTA DE ILUSTRAÇÕES	4
1	INTRODUÇÃO	6
2	FORMAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO ECONÔMICA DO NORDESTE.....	8
2.1	FORMAÇÃO HISTÓRICA DA ECONOMIA NORDESTINA:.....	8
2.2	CARACTERIZAÇÃO E EVOLUÇÃO INDUSTRIAL DO NORDESTE	11
2.3	O COMÉRCIO EXTERNO DO NORDESTE:.....	14
2.4	ORIGENS DO MERCOSUL E O INTERCÂMBIO COMERCIAL COM O NORDESTE	17
2.5	PERFIL EXPORTADOR DO NORDESTE: BAHIA, CEARÁ E PERNAMBUCO.....	21
3	METODOLOGIA	29
3.1	SUBSTRATO TEÓRICO.....	29
3.2	MODELO SHIFT-SHARE ANALYSIS.	31
3.2.1	Versão de Arcelus.	32
3.2.2	Especificações do Modelo.	33
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	37
4.1	BAHIA	37
4.2	PERNAMBUCO	40
4.3	CEARÁ	43
4.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
5	CONCLUSÃO	49
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52
	ANEXOS.....	54

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem a finalidade de analisar o dinamismo das exportações para o Mercosul de três estados nordestinos – Bahia, Pernambuco e Ceará, tendo como base de dados os valores das exportações, segundo os grupos de produtos – capital, intermediários e consumo final. A estrutura do trabalho monográfico está definida através de quatro capítulos que estão sintetizados a seguir.

O primeiro capítulo apresenta a formação histórica da economia do Nordeste, no qual se observa a paulatina mudança na estrutura produtiva nordestina, sistematizada por Wanderley (1996,p.16), através de três estágios de desenvolvimento econômico. As fases da economia nordestina se apresentam desde o Isolamento, caracterizado por uma economia baseada na exportação de bens de consumo não durável, que proporcionou uma dinâmica regional de forma dependente do mercado externo. Em seguida, temos a fase de articulação, cuja principal característica foi a formação do mercado interno nacional, com o capital comercial, no papel de fomentador da integração inter-regional no país. Por fim, a fase da integração produtiva, caracterizada pela implantação da indústria de base no Nordeste, voltada para produção de bens intermediários.

Em seguida, aborda-se a evolução da base produtiva do Nordeste, tendo como referencial de dados o valor de transformação industrial de 1949-1992, quando se verificou mudanças substanciais na estrutura produtiva do Nordeste, que passou de exportador de produtos primários para insumos intermediários. Também se faz uma análise da pauta de exportações, demonstrando os principais gêneros exportados em 1980, em relação aos exportados em 1990, ratificando a mudança ocorrida na estrutura produtiva. Para finalizar o primeiro capítulo, mostra-se as origens do Mercado do Cone Sul e o intercâmbio comercial com o Nordeste, demonstrando o perfil exportador – Bahia, Pernambuco e Ceará – entre 1993-1996, por grupo de produtos.

O segundo capítulo mostra a metodologia de análise. O modelo utilizado foi “*Shift-Share Analysis*”, que permite delinear as principais tendências das exportações num determinado período de tempo. Este capítulo está dividido em duas partes: a primeira seção apresenta o substrato teórico, identificando as principais teorias acerca da integração regional. Na seção seguinte, temos a apresentação do modelo, segundo a versão de Arcelus (1984), que procurou solucionar alguns problemas em relação aos pressupostos clássicos da formulação de Dunn.

O terceiro capítulo aborda as análises das componentes do modelo “*Shift-Share Analysis*”, no qual, se apreende a dinâmica das exportações de cada estado por categorias de produtos: capital, intermediários e consumo final. Através desta análise podemos identificar o perfil da dinâmica das exportações dos estados do Ceará, Pernambuco e Bahia, segundo o que se presumi em suas características em relação a especialização de sua produção. Desta forma, pode-se ratificar ou não, o fato das principais atividades estarem sendo canalizadas para o comércio com o Mercosul.

O último capítulo trata das conclusões obtidas a partir da análise do processo de formação econômica da região nordestina, e dos resultados obtidos pela utilização do modelo. Estes resultados confirmam a dinâmica de determinados setores na pauta de exportações para o Mercosul, particularmente, o gênero de bens intermediários, destacando-se a Bahia na exportação deste produto. Por outro lado, temos o Ceará como principal exportador de bens de consumo final, principalmente do gênero têxtil, enquanto que as exportações do estado de Pernambuco se sobressaíram no gênero de bens de capital.

2 FORMAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO ECONÔMICA DO NORDESTE

A descrição da formação histórica do Nordeste, suas características quanto a evolução industrial, o comércio externo com os outros estados e o perfil exportador da região nordestina para o Mercosul estão apresentados abaixo.

2.1 FORMAÇÃO HISTÓRICA DA ECONOMIA NORDESTINA:

Numa leitura sobre a formação econômica nordestina, se observou a gradativa mudança na sua estrutura de produção setorial, passando de região produtora e exportadora de bens primários para bens intermediários.

Dado que o processo de industrialização do Brasil se deu a partir da região Sudeste, especialmente de São Paulo, esta região teve o privilégio de concentrar as atividades econômicas do país. No entanto, desde os meados da década de 60, com a estratégia de planejamento governamental fundado na integração inter-regional do Brasil, e com a consolidação da política de incentivos fiscais, verificou-se uma descentralização industrial para outras regiões brasileiras através da ampliação da base de investimentos, principalmente em infra-estrutura.

Dentro desse contexto, segundo Avena (1995,p.64), o setor industrial nordestino foi o que teve maior desempenho na fase de desconcentração econômica, com uma taxa média anual de crescimento da ordem de 8% entre 1960-1986, e no mesmo período a agropecuária teve um desempenho inferior de aproximadamente 3%. Porém, alguns estados nordestinos conseguiram ampliar a produção através da utilização de tecnologia moderna, principalmente em áreas de fronteiras agrícolas, a exemplo dos Cerrados Baianos, de irrigação no Vale do São Francisco e de outras áreas no Maranhão e Piauí.

Caracterizada a dinâmica das três últimas décadas, vejamos uma breve leitura da formação econômica do Nordeste no contexto nacional. De acordo com Guimarães Neto **apud**. Wanderley, (1996,p.16-17), a economia do Nordeste se apresentou com um processo histórico em que se pode segmentá-lo através de três estágios: Isolamento, Articulação e Integração Produtiva. Para efeito de uma melhor compreensão, vejamos a Tabela 1, a seguir, com as principais características de cada estágio:

TABELA 1

Estágios de Desenvolvimento da Economia Nordestina.			
CRITÉRIOS	ESTÁGIOS		
	Isolamento	Articulação	Integração
Capital	Mercantil	Mercantil	Produtivo
Produção de Bens	Consumo não durável	Consumo durável e não durável	Intermediário
Mercado	Internacional	Nacional	Nac./Internac.

Fonte: WANDERLEY(1996,p.16).

O primeiro estágio caracterizou-se pela fase de isolamento no âmbito nacional e pela ocorrência de uma articulação comercial com o exterior. Isto se evidenciou pelo fluxo comercial do Nordeste com o mercado internacional e pela produção que era especializada nas atividades algodoeira e açucareira, principais produtos demandados pelo comércio exterior. Genericamente as exportações do Nordeste correspondiam aos bens de consumo não-durável como: produtos alimentícios, calçados, vestuário, fumo e bebidas. Nota-se que a fase do isolamento proporcionou a dinâmica comercial em nível regional e/ou local de forma dependente do comércio exterior, ficando a economia nordestina à mercê das oscilações da demanda internacional.

O segundo estágio, o da articulação comercial, caracterizou-se pela formação do mercado interno nacional, sendo o capital comercial o fomentador do processo de integração inter-regional no país. De acordo com Wanderley (1996,p.17-19), esta etapa divide-se, respectivamente, em três fases: A primeira inicia-se com a crise do mercado internacional, aliada à valorização do café, que possibilitou o direcionamento do

escoamento da produção de bens primários nordestinos para outras regiões, a nível nacional. Nesta fase ocorre também a inversão das relações comerciais do Nordeste, que transfere a subordinação da produção para o mercado nacional, em particular, para a região Sudeste.

Com a crise do café e a conseqüente industrialização do Sudeste tem início a segunda fase do estágio de articulação, a qual se caracteriza pela substituição das importações. A região Sudeste passou a demandar mercados consumidores para os produtos industrializados, enquanto que a região Nordeste passou a corresponder como a maior fornecedora de bens primários e também a região que absorveu a maior quantidade de produtos exportados pelo Sudeste nessa etapa.

A última fase da articulação define a consolidação da industrialização no Sudeste. A indústria produtora de bens de consumo se desenvolveu no período de 1930-1955, definindo assim, a articulação inter-regional no país. Apesar da hegemonia do capital industrial, esta integração se deu em bases comerciais.

O terceiro estágio evidencia a integração produtiva do Nordeste, e tem início em 1956 com a produção de bens de produção. De acordo com Wanderley (1996,p.17-19), divide-se em duas fases: a primeira, caracteriza-se pela criação do Plano de Metas no governo de Juscelino Kubitschek, com a implementação de medidas que proporcionaram a expansão econômica no período de 1956-1961. Neste período ocorreu o aumento da capacidade produtiva das indústrias de bens de consumo duráveis e de bens de produção, concentrando a produção na região Sudeste do país; a Segunda pautou-se pela recessão econômica do período de 1962-1967, possibilitando o início de um novo ciclo de desenvolvimento regional que beneficiou, principalmente, a região nordestina. A fase recessiva modificou as relações inter-regionais entre o Sudeste e o Nordeste, devido a transferência de capital produtivo para o Nordeste; assim, a integração das regiões que ora era à base do comércio é substituída por um sistema de produção integrado nacionalmente.

A integração produtiva se baseou na complementaridade das regiões, dessa forma, vários projetos foram criados e implementados no sentido de viabilizar esse fluxo comercial regional, através da implantação de pólos petroquímicos, cloroquímicos e complexos industriais. Assim, a partir da década de 70 redefiniu-se o desenvolvimento nordestino que foi baseado na produção de bens de produção, mais especificamente em produtos intermediários.

Dentro deste contexto, segundo Menezes; Menezes (1996,p.5), o processo de industrialização voltado para substituição das importações, principalmente, nos setores de bens de capital e insumos básicos para indústrias, teve o apoio predominante do Estado, através de políticas de desenvolvimento induzidas por isenções de impostos e reserva de mercado. De acordo Avena (1995,p.70), na região Nordeste alguns estados cresceram consideravelmente com a produção de matérias-primas e insumos intermediários, beneficiados pela existência de recursos naturais associados a projetos de transformação industrial. Este modelo de desenvolvimento regional gerou uma situação econômica marcada por contrastes dentro da própria região nordestina, resultado da modernização limitada e centralizada em alguns determinados espaços econômicos. Esta política voltada para o endividamento provocou a progressiva crise financeira do estado e a aceleração inflacionaria que teve repercussão nos anos 80.

O decênio de 80, caracterizou-se pela incapacidade do estado de sustentar o padrão de desenvolvimento vigente na época e pelo excessivo endividamento externo. Dessa forma, implementou-se ao longo do período medidas de ajuste impostas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) para equilibrar as contas pública. Assim, verifica-se pelo estudo, que a década de 80 foi marcada pela queda da atividade econômica e o paulatino crescimento da inflação.

2.2 CARACTERIZAÇÃO E EVOLUÇÃO INDUSTRIAL DO NORDESTE

A análise da evolução do Valor de Transformação Industrial do Nordeste mostra a estrutura da pauta de exportações entre 1949-1992. Percebe-se pela análise da Tabela

2 uma mudança na distribuição relativa dos bens produzidos pela região a partir da década de 80, que passou de região exportadora de bens tradicionais para exportadora de bens intermediários.

De acordo com a Tabela 2, a seguir, apresenta-se a distribuição relativa da estrutura do Valor de Transformação industrial (VTI) do Nordeste no período de 1949 a 1992.

TABELA 2

**Distribuição Relativa do Valor de Transformação Industrial do Nordeste
1949/1992. (%)**

GRUPO DE INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	1949	1960	1970	1975	1980	1985	1992
Bens Intermediários	16,2	31,1	34,9	41,9	45,0	49,2	54,8
Bens de Capital	1,3	3,2	7,7	11,5	11,5	9,8	5,0
Bens de Consumo	82,5	65,7	57,4	46,6	43,5	41,0	40,2
TOTAL	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: WANDERLEY (1996,p.21) e IBGE (1992)

Bens intermediários: química, metal e ferramentas, minerais, plásticos e borrachas, celulose, papel e papelão, cerâmica, vidro, gesso, cimento, peles e couros, madeiras, metais comuns, instrumentos e aparelho de óptica.

Bens de capital : Material de transporte, máquinas e aparelhos mecânicos e eletro-eletrônico.

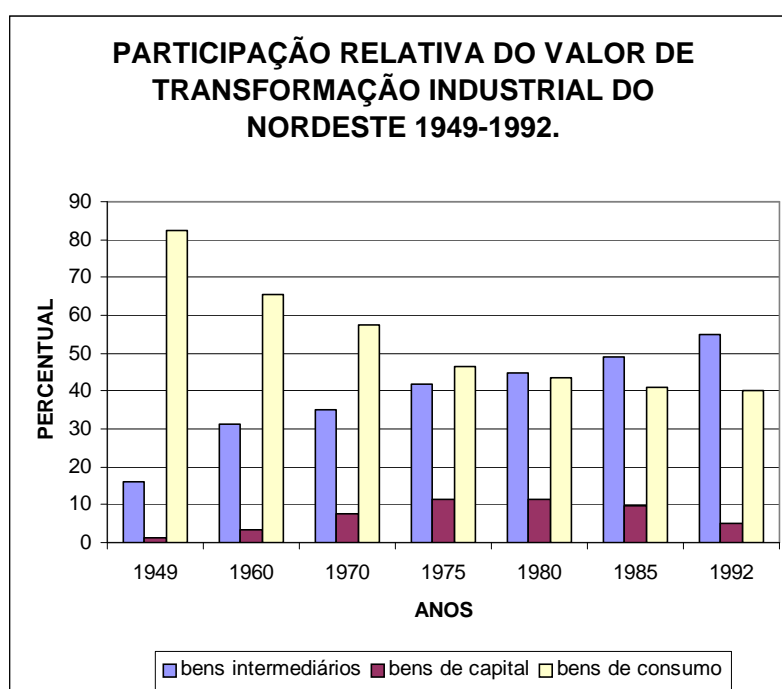
Bens de consumo final: Têxtil, alimentos, fumo e bebidas, prod. de origem animal, prod. de origem vegetal, gorduras, óleos, cêras de origem animal e vegetal, calçados, chapéus, pérolas, pedras preciosas e bijuterias, armas e munições e objetos de arte.

Com base na Tabela 2, nota-se a inversão na estrutura industrial nordestina. No ano de 1949, o valor da produção de bens de consumo final correspondia 82,5% do volume total da produção industrial nordestina, enquanto que, o percentual com relação aos bens de produção era 17,5%. Em 1985, o valor dos bens intermediários (49%) e de capital (9,8%) juntos era de aproximadamente 59%, superando o volume de bens de consumo final que ficou com 41% do valor de transformação industrial. Nota-se que a partir de 1992 permaneceu a tendência decrescente dos bens de consumo que tiveram

durante o período o pior desempenho, ficando em torno de 40,2%; já os bens intermediários continuaram crescendo com participação de 54,8% no Valor de Transformação Industrial. Os dados da Tabela 2 e o Gráfico 1, a seguir, ratificam a especialização das indústrias nordestinas na produção de insumos intermediários.

O Gráfico 1, a seguir, mostra a distribuição percentual do Valor da Transformação Industrial, segundo os bens de consumo, de capital e bens intermediários, no decorrer dos anos entre 1949 até 1992.

GRÁFICO 1



Fonte: WANDERLEY (1996,p.21) e IBGE (1992)

Com a abertura econômica a partir de 1990, evidencia-se o fortalecimento das concepções neoliberais, que procuram restringir a intervenção do estado no mercado e a supressão do protecionismo. Isto implica o advento de novas exigências competitivas e o redirecionamento das estratégias de desenvolvimento para o país e região Nordeste.

As transformações ocorridas na base produtiva nordestina nas três últimas décadas foram confirmadas na Tabela 3, através da análise da Taxa Média de Crescimento do

PIB (Produto Interno Bruto) do Nordeste, da Formação de Capital do Setor Público e do Coeficiente Médio de investimento.

TABELA 3

Nordeste: Taxa Média de Crescimento do PIB, da Formação de Capital do Setor Público e o Coeficiente Médio de Investimento – 1970-1996.

PERÍODO	PIB	FBKF- Setor Público (2)	Coef. Médio de Invest.(2)
1970-80	8,7	9,6	26,8
1980-90	3,3	3,1	20,5
1990-96 (1)	2,8	-6,3	16,9

Fonte: BOLETIM CONJUNTURAL (1996)

(1) Dados Preliminares

(2) Período 1990 – 1995.

O crescimento do PIB a partir de 1980 tendeu a ser cada vez menor, passando de 8,7% entre 1970-80 para 3,3% no período subsequente e 2,8% entre 1990-96. O mesmo comportamento pode ser descrito para a taxa de formação bruta de capital fixo do Setor Público, que passou de um crescimento positivo de 9,6% entre 1970-80 para 3,1% entre 1980-90, tornando-se negativa com -6,3% no último período.

Isto significa que o investimento estatal em infra-estrutura produtiva inexistiu no período, reflexo da política de privatizações concebidas a partir da abertura econômica em 1990. Com relação ao coeficiente médio de investimento, notou-se uma tendência de decréscimo no período, que passou de 26,8% entre 1970-80 para 16,9% no último decênio.

2.3 O COMÉRCIO EXTERNO DO NORDESTE:

A análise qualitativa e quantitativa dos principais produtos exportados a partir de 1980 mostra a mudança na composição da pauta de exportações nordestinas e os principais gêneros entre 1980-90.

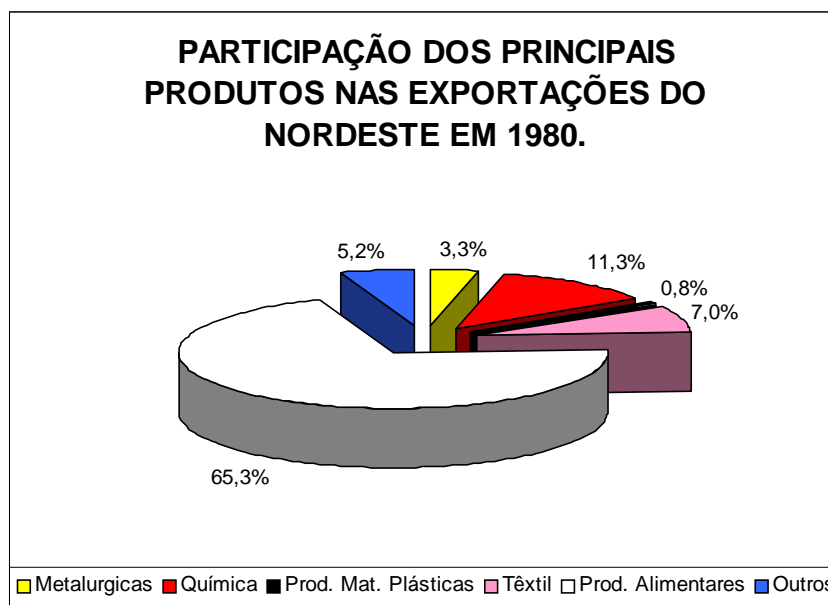
Com a maturação dos investimentos efetuado na década de 60 e 70, observa-se a inversão na composição dos produtos exportáveis da região nordestina a partir de 80. Pela análise das exportações regionais, verifica-se a redistribuição locacional das

indústrias direcionadas, principalmente, para o Nordeste do Brasil, modificando o espaço produtivo tanto a nível local, quanto nacional. Isto se evidencia a partir da análise da base produtiva do Nordeste, a qual, se baseava na produção de bens de consumo básico, revertendo-se para bens de produção, mais especificamente de bens intermediários.

De acordo com os dados da evolução das exportações da região Nordeste no período de 1980-1990, percebe-se uma mudança na composição dos produtos exportáveis e na especialização da base produtiva dos estados quando comparado com o perfil de outras regiões. A região Sudeste encontrava-se em 1980, segundo Loureiro; Silva (1996,p.2), com a maior quantidade de produtos exportados no início do período, apresentando 14 gêneros na pauta de exportações, destacando-se, principalmente, na produção de bens da indústria pesada. A região Sul com 11 gêneros, seguida das regiões Nordeste e Centro-Oeste, ambas com 8 gêneros e por fim a região Norte com apenas 7 gêneros.

A região nordestina destacou-se na exportação de produtos tradicionais, cuja maioria das atividades pertencem a indústria leve. De acordo com o Gráfico 2, a seguir, os produtos nordestinos que mais se sobressaíram na pauta de exportações em 1980 foram: as indústrias de produtos alimentares com 65,3% de participação, seguidas pelas indústrias químicas, têxteis, metalúrgicas e de matérias plásticas com 11,3%, 7%, 3,3% e 0,8%, respectivamente.

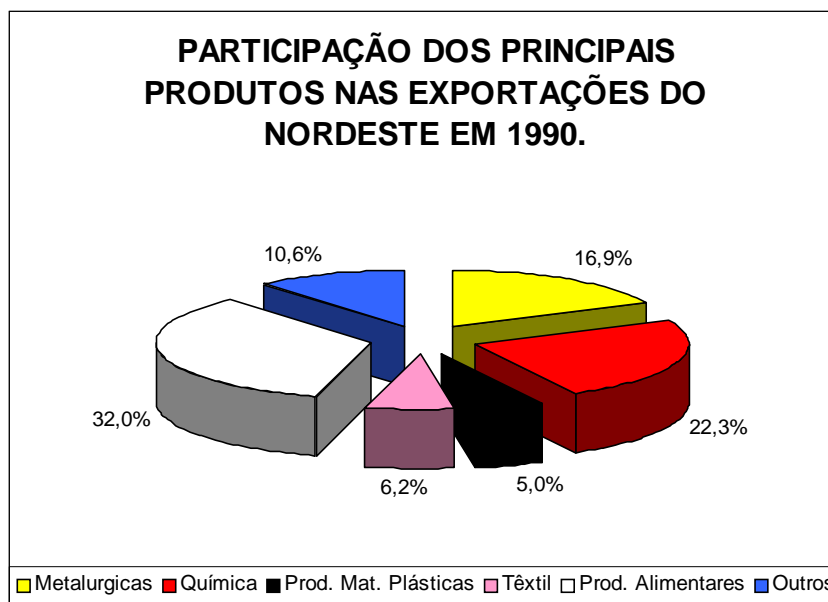
GRÁFICO 2



Fonte: LOUREIRO; SILVA (1996,p.2).

Em 1990, as indústrias de bens de produção passaram a exportar um volume maior de produtos intermediários e de capital. Isto significou, segundo a análise do Gráfico 3, que o incremento nas exportações decorreu da especialização da base produtiva nordestina em três gêneros de produtos (metalurgia, química e matérias plásticas) com 44,2% das exportações, enquanto que apenas dois gêneros da indústria leve (têxteis e produtos alimentares) participaram com 38,2% no volume total de exportações no mesmo período.

GRÁFICO 3



Fonte: LOUREIRO; SILVA (1996, p.2)

2.4 ORIGENS DO MERCOSUL E O INTERCÂMBIO COMERCIAL COM O NORDESTE

A recessão econômica desencadeada pela crise do Petróleo na década de 70, teve segundo Menezes; Menezes (1996,3-4), como conseqüências o advento de um novo processo de acumulação fundamentado nos vários formatos da produção flexível, promovendo mudança no padrão de crescimento econômico e uma nova composição quanto a hegemonia política e econômica entre os países. Isto propiciou a formação de blocos continentais mediante organização de mercado com formação de blocos de cooperação econômica. A organização geográfica dos parceiros econômicos está delineada da seguinte forma: União Européia (UE) formada pelos países europeus – Alemanha, França, Itália, Reino Unido Espanha, Holanda, Bélgica, Dinamarca, Portugal, Grécia, Irlanda e Luxemburgo; o Leste asiático composto pelo Japão, Coreia do Sul, Taiwan, Hong Kong, Singapura; o NAFTA que integra EUA, Canadá e México; o MERCOSUL – Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai..

De acordo com Amorim (1994,p.62-64), o Mercosul (Mercado do Cone Sul) teve sua origem através da evolução dos diversos processos de integração dos países da América Latina, no sentido de adaptar-se a competitividade internacional. Seu surgimento está baseado em experiências de integrações passadas. Em 1980, foi criada a Aladi (Associação Latino-Americana de Integração), através do tratado de Montevideú, em substituição à antiga Alalc (Associação Latino-Americana de Livre Comércio). Na formação da Aladi faziam parte os seguintes países: Argentina, Brasil, Colômbia, Chile, Equador, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela. Com a criação foram definidos incentivos ao comércio intra-regional através da PAR (Preferência Alfandegária Regional) que determinava redução percentual das tarifas de produtos importados entre os membros. As limitações decorrentes do PAR proporcionaram acordos bilaterais entre países como: Brasil, Argentina e Uruguai chamados de Acordos de Complementação Econômica .

Em 1985, a Argentina e o Brasil passaram a estreitar suas relações através da Ata de Integração. Em julho de 1986, ambos firmaram o programa de integração. Esse programa visava negociação de acordos com o segmento industrial (não somente com intercâmbio de produtos, mas também assuntos sobre administração pública, cultura, cooperação nuclear).

No ano de 1990 foi assinado o acordo de complementação econômica entre Argentina e Brasil. Em março de 1991, o tratado definindo o Mercado do Cone Sul foi firmado entre Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai.

O Mercosul propõe, de acordo com os prazos estabelecidos entre os países membros, a livre circulação de bens, serviços, e fatores produtivos; o estabelecimento de uma tarifa comum; uma política comercial comum em relação aos outros países ou regiões; além da coordenação de políticas macroeconômicas e setoriais entre os países. Suas dimensões o coloca como o quarto maior bloco econômico do planeta com mais de 190 milhões de habitantes com um PIB conjunto registrado no ano de 1995 de mais de US\$ 700 bilhões de dólares, constituindo-se num alto potencial de mercado consumidor.(Promoexport ,1995).

O Chile que se integra através do acordo de livre comércio passou a fazer parte oficialmente do Mercosul a partir de junho de 1996. Apesar de haver ingressado cinco anos após formação do bloco, suas relações comerciais com os países membros já eram bastante intensas. De acordo com a Gazeta Mercantil de 21 de dezembro de 1995, o Brasil se constitui no 3º parceiro comercial do Chile. O fluxo de transações comerciais chileno com os membros do Cone Sul é de aproximadamente 2,5 milhões de toneladas anuais em produtos, transformando-se potencialmente no país que tem maiores condições de ampliar o mercado para seus produtos, devido a sua diversidade na pauta de exportações.

A participação do Mercosul nas exportações brasileiras no período entre 1990-1997 subiu de 4,3% para 17,0%. O mesmo comportamento pode ser observado para as importações que passaram de 11,1% no ano de 1990 para 15,7% em 1997. A Tabela 4, a seguir, demonstra o desempenho das exportações e importações brasileira neste período e seu fluxo de comércio com o Mercosul.

TABELA 4

**Exportações e Importações brasileiras totais e para o Mercosul
US\$ 1.000,00**

Exportações/Importações	1990	1995	1997
Exportações totais	30.980,0	45.695,0	52.986,0
Exportações Mercosul	1.320,0	6.154,0	9.044,0
%Exportações para o Mercosul	4,3	13,5	17,0
Importações totais	21.041,0	49.663,0	61.358,0
Importações Mercosul	2.327,0	6.933,0	9.631,0
% Importações Mercosul	11,1	14,0	15,7

Fonte: DINIZ (1996,p.11) e INFORMATIVO DO COMÉRCIO EXTERIOR DA BAHIA (1997).

O impacto do Mercosul para a economia brasileira teve um efeito diferenciado entre as regiões. Dentre elas, as regiões Sudeste e Sul se destacam não só pela proximidade geográfica, mas principalmente pela estrutura da pauta de exportações desses estados, que corresponde prioritariamente a produção de bens industrializados, na qual essas

regiões concentram a maior parte da produção brasileira. A Tabela 5, a seguir, demonstra a participação relativa das regiões nas exportações para o Mercosul no ano de 1995 e as respectivas importações no mesmo período.

TABELA 5

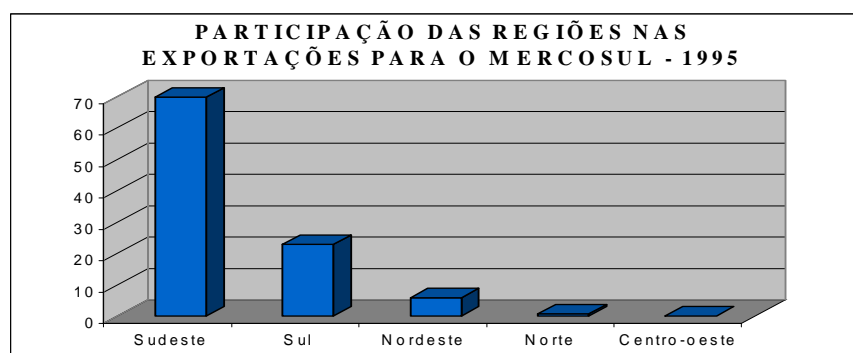
**Exportações e Importações Brasileira para e do Mercosul
segundo regiões brasileiras em 1995**

Regiões	Exportações	Importações
Norte	0,9	0,6
Nordeste	7,0	7,2
Sudeste	68,5	31,0
Sul	22,6	60,2
Centro-Oeste	1,0	1,0
Brasil	100,0	100,0

Fonte: DINIZ (1996, p.11).

De acordo com Diniz (1996, p.11), a região Sudeste teve a maior participação na pauta de produtos exportados para o Mercosul com 68,5% do volume total, ficando em primeiro lugar, seguida da região Sul com 22,6% de participação; a região nordestina participou com 7% acima das regiões Norte e Centro-oeste, que possuíam, respectivamente, 0,9% e 1% do total exportado. O Gráfico 4, a seguir, demonstra a participação regional das exportações para o Mercosul em 1995.

GRÁFICO 4



Fonte: DINIZ (1996, p.11)

2.5 PERFIL EXPORTADOR DO NORDESTE: BAHIA, CEARÁ E PERNAMBUCO.

O comportamento das exportações da Bahia, Ceará e Pernambuco no período entre 1993-1996, após a formação do Mercosul, demonstra a participação dos principais gêneros da indústria de transformação nas exportações. De acordo com a Tabela 6, a seguir, temos as exportações dos estados: Bahia, Ceará e Pernambuco para o Mercosul e as exportações totais do Nordeste com as respectivas participações relativas durante o período.

TABELA 6

**Exportações Nordestinas para o Mercosul: Bahia, Pernambuco e Ceará.
US\$ 1.000,00**

EXPORTAÇÕES	1993	%	1994	%	1995	%	1996	%
Bahia	141.817,15	60	189.969,62	59	287.147,61	68	308.248,78	64
Ceará	27.066,91	12	30.737,15	10	43.219,39	10	51.382,69	11
Pernambuco	25.482,92	11	44.592,44	14	36.664,14	9	40.293,30	8
NORDESTE	234.501,00	100	321.256,06	100	420.711,47	100	482.188,00	100

Fonte: PROMOEXPORT (1997). ANEXO 1

De acordo com a Tabela 6, percebe-se que a Bahia teve a maior participação nas exportações para o Mercosul entre 1993-1996, com um comportamento crescente no fluxo de comércio, variando entre 59% até 68% na participação relativa das exportações Nordestinas no período, enquanto que o Ceará e Pernambuco tiveram pequenas participações no volume total de exportações do Nordeste. O fluxo de comércio do Ceará manteve-se constante durante o período, passando de 12% em 1993 para 10% em 1994, no ano seguinte permaneceu constante no mesmo patamar, voltando a crescer em 1996 com 11%. Em Pernambuco, o fluxo de comércio teve um comportamento decrescente a partir de 1995, passando de 14% em 1994 para 9% no ano seguinte e para 8% em 1996.

A Tabela 7, a seguir, mostra o comportamento das taxas de crescimento dos estados no período.

TABELA 7

**Taxas de crescimento das exportações para o Mercosul: Bahia, Ceará e Pernambuco.
(%)**

EXPORTAÇÕES	94/93	95/94	96/95
Bahia	34,0	51,0	7,0
Ceará	14,0	41,0	19,0
Pernambuco	75,0	-18,0	10,0
NORDESTE	37,0	31,0	15,0

Fonte: PROMOEXPORT (1997). ANEXO 1

De acordo com a tabela 7, notamos um comportamento irregular das exportações dos estados para o Mercosul. A Bahia e o Ceará tiveram um comportamento crescente até o período de 94/95 com, respectivamente, 51,0% e 41,0%. A partir desse período o crescimento foi cada vez menor, atingindo uma taxa de 7,0% e 19,0% entre 95/96. Em Pernambuco o comportamento das taxas de crescimento foi bastante peculiar, passando de uma taxa de 75,0% entre 94/93 para -18,0% entre 94/95, atingindo um crescimento de 10,0% entre 95/96. Nota-se que apesar de Pernambuco ter crescido 75% no período entre 94/93, sua participação relativa (Tabela 6) nas exportações totais do Nordeste para o Mercosul foi a menor em relação aos demais estados com apenas 11%, respectivamente.

Com relação a distribuição relativa das exportações para o Mercosul por grupo de produtos da indústria de transformação, temos a participação agregada dos três estados representadas na Tabela 8.

TABELA 8

Distribuição Relativa das Exportações para o Mercosul: Bahia, Pernambuco e Ceará por Grupo de Transformação Industrial do Nordeste-1992/1996. (%)

GRUPO DE INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	1993	1994	1995	1996
Bens Intermediários	65,33	62,27	71,65	65,98
Bens de capital	6,73	7,69	6,45	9,72
Bens de consumo	27,94	30,04	21,90	24,30
TOTAL	100	100	100	100

Fonte: PROMOEXPORT (1997). ANEXO 1

De acordo com a Tabela 8, nota-se um comportamento oscilante na distribuição relativa das exportações para o Mercosul entre 1993-1996. Os bens intermediários reduziram sua participação, passando de 65,33% em 1993 para 62,27 % em 1994, voltando a crescer no ano subsequente para 71,65%, no ano seguinte, em 1996 sofre novamente uma queda, atingindo 65,98% de participação. O comportamento inverso pode ser descrito para os bens de capital que teve crescimento até o ano de 1994, passando de 6,73% em 1993 para 7,69% em 1994, decrescendo no período seguinte quando atinge 6,45% e voltando a crescer em seguida, participando com 9,72% em 1996. Quanto aos bens de consumo, notamos que este gênero tem um comportamento semelhante aos bens de capital, aumentando sua participação de 27,94% em 1993 para 30,04% no ano de 1994, a partir daí, observou-se uma queda no crescimento que ficou em torno de 22% em 1995, tendo uma pequena melhora no ano seguinte com aproximadamente 24,3%.

As taxas de crescimento dos gêneros industriais demonstram a evolução das exportações no período, identificando-se aqueles que tiveram os melhores desempenhos. De acordo com a Tabela 9 e o Gráfico 5, a seguir, os bens intermediários foram os que tiveram um melhor desempenho no período 93/94 com uma taxa de crescimento de 56,0%, contudo a taxa de crescimento do ano seguinte foi inexpressiva de 16,0%, retornando ao patamar de 64,0% entre 95/96.

Os bens de capital tiveram o melhor desempenho no período entre 94/95, destacando-se dos demais gêneros com uma taxa de crescimento de 59,0%. Já os bens de consumo tiveram um comportamento inexpressivo durante o período 94/95, tendo o pior desempenho do período analisado.

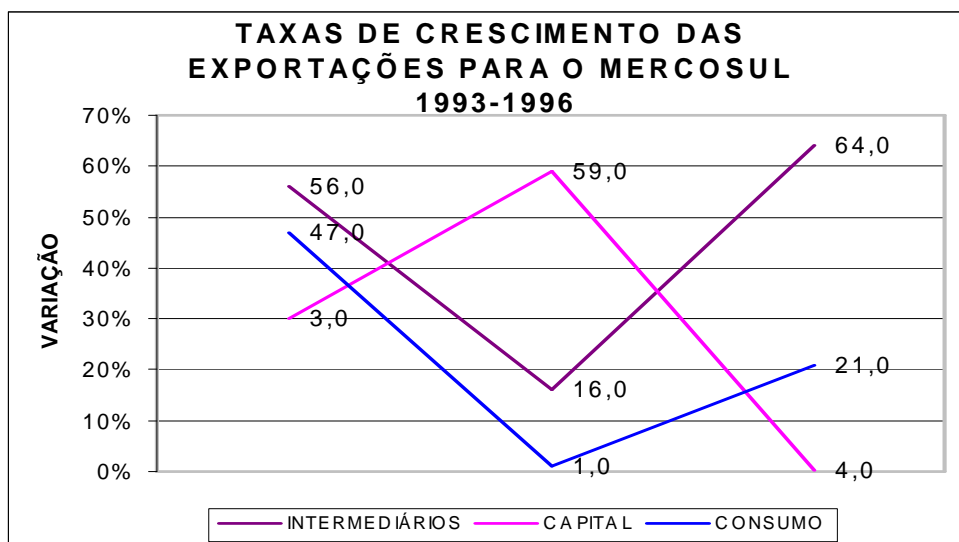
TABELA 9

Taxa de Crescimento das Exportações para o Mercosul: Bahia, Pernambuco e Ceará por grupo de Transformação Industrial do Nordeste - 1993/1996.

GRUPO DE INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	93/94	94/95	95/96
Bens intermediários	56,0	16,0	64,0
Bens de capital	30,0	59,0	4,0
Bens de consumo	47,0	1,0	21,0
TOTAL	36,0	38,0	9,0

Fonte: PROMOEXPORT (1997). ANEXO 1

GRÁFICO 5



Fonte: PROMOEXPORT (1997). TABELA 9

A evolução das exportações dos bens intermediários para o Mercosul entre 1993-1996, de acordo com a Tabela 10, indica que a Bahia destacou-se no total das exportações, com um comportamento crescente ao longo do período, passando de 88% de participação em 1993 para 93% em 1996. Pernambuco teve uma participação crescente

na exportação de bens intermediários até 1994, a partir daí, o comportamento das exportações foi decrescente. Já o Ceará teve uma participação pequena e constante na exportação deste gênero, decrescendo a partir de 1996. Este comportamento reforça a especialização da Bahia na produção de insumos intermediários para a indústria de bens de consumo final.

TABELA 10

**Exportações de Bens Intermediários para o Mercosul: Bahia, Pernambuco e Ceará.
US\$ 1.000,00**

EXPORTAÇÕES	1993	%	1994	%	1995	%	1996	%
Bahia	112.149,12	88	144.977,40	88	237493,22	90	244.954,47	93
Ceará	3.245,30	3	4.444,46	3	6.818,44	3	2.468,41	1
Pernambuco	11.538,56	9	15.772,96	10	18.653,97	7	16.464,00	6
TOTAL	126.932,98	100	165.194,82	100	262.965,63	100	263.886,88	100

Fonte: PROMOEXPORT (1997). ANEXO 1

A Tabela 11, mostra a participação do grupo de indústria de bens de consumo no volume de exportações. Percebe-se através da Tabela 11, que a Bahia teve a maior participação nas exportações desse gênero, passando de 42% em 1993 para 48% em 1996, nota-se que o Ceará comportou-se de maneira inversa com relação à Bahia, decrescendo a partir de 1994 e voltando a crescer em 1996, atingindo o mesmo patamar que a Bahia. Observou-se um comportamento irregular nas exportações de Pernambuco, que inicialmente cresceu, passando de 15% em 1993 para 23% em 1994. A partir daí, nota-se participações cada vez menores com 3% em 1996.

TABELA 11

**Exportações de Bens Consumo para o Mercosul: Bahia, Ceará e Pernambuco.
US\$ 1.000,00**

EXPORTAÇÕES	1993	%	1994	%	1995	%	1996	%
Bahia	23.061,53	42	36.532,77	46	38.104,55	47	46.882,62	48
Ceará	23.076,80	42	24.702,36	31	34.809,98	43	46.900,71	48
Pernambuco	8.169,07	15	18.465,70	23	7.478,68	9	3.382,41	3
TOTAL	54.307,40	100	79.700,83	100	80.393,21	100	97.165,74	100

Fonte: PROMOEXPORT (1997). ANEXO 1

A Tabela 12, a seguir, mostra a participação dos bens de capital no volume de exportações para o Mercosul. De acordo com a Tabela 12, percebe-se que o estado que

mais se destaca na exportação deste gênero é Pernambuco com participações que variam em torno de 44% até 53%. O comportamento decrescente da Bahia em relação a exportação de bens de capital, de 51% de participação em 1993 para 42% em 1996, decorreu provavelmente da sua especialização em indústrias de bens intermediários. O estado do Ceará é nitidamente o que teve a menor participação nesse gênero, decrescendo de 6% em 1993 para 5% em 1996.

TABELA 12

**Exportações de Bens de Capital para o Mercosul: Bahia, Ceará e Pernambuco
UU\$ 1.000,00**

EXPORTAÇÕES	1993	%	1994	%	1995	%	1996	%
Bahia	6.606,50	51	8.459,44	41	11.549,84	49	16.411,69	42
Ceará	744,81	6	1.590,33	8	1.590,96	7	2.013,56	5
Pernambuco	5.725,29	44	10.353,78	51	10.531,49	44	20.446,88	53
TOTAL	13.076,60	100	20.403,55	100	23.672,28	100	38.872,13	100

Fonte: PROMOEXPORT (1997). ANEXO 1

De acordo com o exposto, percebe-se que a pauta de exportações de cada estado é bastante peculiar e notamos que a Bahia teve o seu crescimento baseado na produção de bens intermediários, principalmente, no setor de química e petroquímica. O Ceará especializou-se na produção de bens de consumo final, com destaque para a indústria têxtil e suas derivações. Já Pernambuco teve um melhor desempenho na produção de bens capital, principalmente, no gênero de máquinas equipamentos eletro-eletrônico.

Diante destes resultados a nível de amplitude espacial, formada pelos estados da Bahia, Pernambuco e Ceará, observa-se a partir da Tabela 13, a efetiva participação média destes estados em relação as exportações para o Mercosul, comparando-se com os fluxos da região Nordeste e do Brasil.

TABELA 13

Valores e Participações médias totais e para o Mercosul – 1993/1996
Regiões/Estado/Brasil. (%)

REGIÕES/ ESTADOS	Exp. Mercosul	%/B	Exp.Totais	%/B	Mercosul/Total
NORDESTE	364.664	5,89	3.652.591	8,28	9,98
BAHIA	231.795	3,74	1.734.066	3,93	13,37
PERNAMBUCO	36.758	0,59	408.429	0,93	9,00
CEARÁ	38.086	0,62	335.563	0,76	11,35
BRASIL	6.191.750	100	44.088.250	100	14,04

Fonte: MENDES (1996)

Observa-se pela análise da Tabela 13, que os estados da Bahia e Ceará tiveram, respectivamente, 13,37% e 11,35% de participações relativas para o Mercosul no volume total de exportações de cada estado. Vale ressaltar que no mesmo período Pernambuco teve a menor participação com 9,00%, enquanto que o Nordeste e o Brasil participaram com 9,98% e 14,04%, respectivamente.

Porém, quanto a participação da região Nordeste e dos estados nas exportações brasileiras para o Mercosul, percebe-se que são irrelevantes, pois a região nordestina teve uma participação de 5,89%, a Bahia registrou 3,74%, enquanto que Pernambuco e Ceará tiveram, respectivamente, 0,59% e 0,62%. A Tabela 14, a seguir, mostra a participação da região Sudeste nas exportações e sua relação com o Nordeste e o Brasil.

TABELA 14

Valores e Participações médias totais e para o Mercosul – 1993/1996
Regiões/Brasil. (%)

REGIÕES	Exp.Mercosul	%	Exp.Totais	%	Mercosul/total
NORDESTE	364.664	5,89	3.652.591	8,28	9,98
SUDESTE	4.219.000	68,14	25.157.250	57,06	16,77
BRASIL	6.191.750	100,00	44.088.250	100,00	14,04

Fonte: MENDES (1996, p.7)

A partir dos dados da Tabela 14, observamos que a região Sudeste registrou a maior participação nas exportações brasileiras para o Mercosul com 68,14%, e também participa com 57,06% no fluxo de transações da balança comercial brasileira. Dessa maneira, concluir-se que apesar do crescimento do fluxo de transações do Nordeste para o Mercosul no período entre 1993-1996, a participação relativa da região foi pequena em relação ao Sudeste, que possui um maior dinamismo econômico, além da proximidade geográfica com os demais países do bloco.

3 METODOLOGIA

Uma breve revisão da literatura sobre teorias do comércio exterior e de integração será descrita neste capítulo, bem como a apresentação do modelo “*Shift-Share Analysis*” que permite apontar as principais tendências das exportações, identificando os atributos da região de maior relevância e a composição da sua estrutura produtiva.

3.1 SUBSTRATO TEÓRICO

Inicialmente vejamos um breve relato sobre a evolução das teorias do comércio exterior. De acordo com Diniz (1996,p.1), o desenvolvimento regional das economias induzido pelo comércio estiveram presentes nos autores clássicos como Ricardo através do conceito de Vantagens Comparativas Naturais. Segundo Ricardo **apud**. Diniz (1996,p.1), cada país deveria produzir bens para os quais possuíssem vantagens comparativas. Com a introdução do conceito de função de produção, propiciou-se a formulação da Teoria do Comércio Internacional, na qual a especialização se daria com a disponibilidade de fatores de produção através do modelo de Hecksher-Ohlin de equilíbrio geral do comércio.

Com o estudo de North **apud**. Diniz (1996,p.2), introduz-se a Teoria da Base de Exportações, estabelecendo que o desenvolvimento regional começa pela base de recursos naturais, evoluindo posteriormente para o desenvolvimento de outros setores como o industrial e o dos serviços, dessa forma, generalizando o crescimento regional. Esta teoria se baseia no fato da produção para exportação (bem básico) gerar impactos multiplicadores nas atividades produtivas não exportáveis (bens não básicos).

No entanto, o princípio teórico das vantagens comparativas passa a ser superada pelo novo processo de acumulação engendrado pelo capitalismo que propicia o aparecimento de vantagens comparativas construídas pela divisão internacional/inter-regional da produção e do comércio, embasado no progresso técnico.

Com relação as teorias de integração, podemos situá-la através de uma breve revisão da literatura. Segundo Balassa **apud**. Rolim (1994,p.62-63), existem diversas formas de integração econômica, a depender do grau de desenvolvimento em que se encontra a economia em análise. A área de livre comércio apresenta-se com a abolição das tarifas alfandegárias e as restrições quantitativas entre os países participantes, mantendo cada país suas tarifas em relação aos demais países não-membros. A união aduaneira é o estágio de desenvolvimento que além da supressão da discriminação aos movimentos de mercadorias estabelece barreiras alfandegárias contra os países não pertencentes à união. O mercado comum apresenta-se não apenas com a abolição das restrições comerciais como também do livre movimento de fatores de produção. Por fim o último estágio de desenvolvimento econômico apresenta não só na supressão das restrições aos movimentos de fatores produtivos e de mercadorias como, impõe a harmonização das políticas econômicas, fiscais, setoriais e sociais dos países membros, chegando a definir a união monetária.

Em Perroux **apud**. Rolim (1994,p.66), o conceito de Integração está vinculada a organização de empresas formando mercados, pólos econômicos, com traços de forte interdependência técnica e financeira, com atuação exclusiva no seu país de origem e em outros países. O espaço econômico destes grupos de empresas não se limita ao espaço estritamente territorial, pois a sua dimensão conceitual se caracteriza pela não contiguidade e que pode ser definida através dos atributos da homogeneidade, interdependência ou planejamento.

Segundo Machlupo **apud**. Rolim (1994,p.57), a integração não está restrita a indústria ou setores específicos, nem a fatores ou produtos, intermediários ou finais, mas a totalidade das atividades econômicas das regiões. De acordo com este autor, a integração constitui-se em uma aproximação do modelo de equilíbrio geral, no qual existe um complexo entrelaçamento e interdependência de todas as atividades econômicas e um sistema de mobilidade irrestrita de fatores e produtos intermediários ou finais.

3.2 MODELO *SHIFT-SHARE ANALYSIS*.

Inicialmente será feita uma breve revisão da literatura do modelo “*Shift-Share Analysis*”. Este modelo pertence a um grupo de instrumentos de investigação empírica na área de economia regional. Além deste, temos outros indicadores que auxiliam a análise como: os indicadores de especialização (coeficiente de especialização e de reestruturação), indicadores de localização (quociente locacional, de localização, de associação geográfica, de redistribuição e curvas de localização), o modelo da base econômica de exportação inter-regional e o estudo da análise das componentes principais.

Segundo Wanderley (1994,p.100), o modelo *Shift-Share Analysis* teve início com as formulações de Creamer em 1942, a respeito do crescimento industrial na Inglaterra nesta época. Posteriormente o modelo foi formalizado através de Dunn em 1959 e 1960, quando o então autor sistematizou as idéias em três componentes de crescimento: Global, Estrutural e Diferencial. Para tanto, utiliza-se uma dada variável base no âmbito da região e da atividade produtiva.

Diante desse quadro, ocorre a disseminação do modelo visando captar aspectos do crescimento regional. De acordo com Wanderley (1994,p.99), dentre os autores que trataram deste modelo de análise temos: Ashby, que em seus *Papers*, fez uma análise do emprego na indústria americana nas décadas de 40 e 50; Thirlwall tratou da política de distribuição industrial no Reino Unido entre 1948 a 1963; Klaassen e Pealinek discutiram as assimetrias nas taxas de crescimento agregado entre duas regiões; Sakashita desenvolveu uma análise de crescimento multiregional, que serviu de base para o modelo de *Shift-Share Analysis* e que tinha como base teórica a função de produção de Cobb-Douglas; James e Hughes propuseram a estimação de projeções através da adaptação do modelo de *Shift-Share*. Posteriormente alguns autores utilizaram-se do método para fazer projeções, dentre eles, Brawn em vários artigos; Paraskevopoulos, Floyd e Berzeg propuseram testar hipóteses com o modelo de *Shift-Share*. Outros autores desenvolveram trabalhos mais recentes, no sentido de aperfeiçoar o modelo, dentre eles temos, Theil e Gosh , Rolin et alii e Ferreira.

3.2.1 Versão de Arcelus.

Esta versão do modelo de "Shift-Share Analysis" foi proposta por Arcelus em 1984 e analisada quanto a sua consistência por Haynes e Machunda. segundo Wanderley (1994,p.107), a propriedade de simetria quanto a agregação-desagregação diz respeito a aditividade região - a - região, ou seja, o valor de cada uma das componentes da versão de Arcelus para a amplitude espacial, é sempre igual a soma dos valores de todas as regiões pertencentes a amplitude espacial, desta forma, esta versão supera às críticas de Stokes, Beaudry e Martin com relação ao fato do modelo não satisfazer a propriedade da aditividade. Assim, assegura-se a validade de seus resultados, bem como viabiliza uma maior flexibilidade na aplicação desta versão.

A base técnica do estudo de Arcelus (1984), propicia a reestruturação do modelo de Dunn nos estudos de economia regional, visando torná-lo mais eficiente e coerente com o processo de investigação teórico-empírico e aplicável nas interpretações das componentes. A partir das críticas com relação aos postulados clássicos do modelo original, fez-se um estudo e interpretação das restrições quanto ao modelo, no sentido de aprimorar o instrumento de análise, visando um melhor esclarecimento da realidade.

A nova versão procura solucionar os problemas com relação aos pressupostos clássicos da interdependência entre componente estrutural e regional, sendo tratada com a utilização de uma variável homotética, a qual se caracteriza pela estrutura que as regiões teriam se igualasse a estrutura da amplitude espacial, e também com a questão da predominância da influência desta amplitude sobre a região, sendo solucionada com a desagregação das componentes da versão original de Dunn, explicitando um fator exógeno e outro endógeno.

Para efeito de análise foram considerados alguns pressupostos. O modelo ignora as explicações da evolução das variáveis quanto ao processo de desenvolvimento econômico entre o ano base e o ano corrente, pois estabelece uma análise estática comparada. Não leva em consideração a mudança estrutural da atividade econômica do período, devido ao efeito ponderação do ano base. Desconsidera eventuais assimetrias

do ano base, e supõe-se que as componentes estrutural e regional da versão de Dunn sejam diferentes, bem como admite-se que a atividade econômica de cada região é influenciada por fatores exógenos e endógenos.

3.2.2 Especificações do Modelo.

Para uma melhor compreensão do modelo, vejamos a sua instrumentalização a partir da Matriz de Informações, na qual, a construção e classificação dos bens (intermediários, consumo e capital) se dá em uma dada amplitude espacial representada pela Bahia, Pernambuco e Ceará. Desta forma, a estruturação da matriz de informações permite fazer cruzamentos de dados entre os grupos de produtos com as regiões do Nordeste, bem como, define a base de dados para o estudo e dinamismo do fluxo de exportações destes estados do Nordeste.

A Tabela 15, a seguir, apresenta o arcabouço da Matriz de Informações, na qual, o fluxo de exportações se constitui na variável base da análise com os grupos de produtos e regiões.

TABELA 15

Nordeste: Matriz de Informações por Grupos de Produtos de Transformação do Nordeste.		Ano: 1 a T
	Regiões: j	Σ_j
Grupos de Produto de transformação: i
Xij.....Xit.....

Σ_i	\bar{X}_{tj}	\bar{X}_{Ct}

Fonte WANDERLEY (1997,p.10).

Diante desse quadro, vejamos a expressão algébrica do modelo de Arcelus:

$$\Delta X_{ij} = X'_{ij} + XI_{ij} + R_{ij} + RI_{ij}$$

sendo,

X = fluxo de exportação;

X_{ij} = valor das exportações do grupo de produtos i na região j para o ano base;

$X_{ij}^1 = X_{ij} \cdot (X_{it} / X_{tt})$ = valor da X homotética do grupo de produtos i na região j ;

$(X_{ij} - X_{ij}^1)$ = grau de especialização do grupo de produtos i na região j ;

ΔX_{ij} = variação das exportações do grupo de produtos i na região j ;

$X'_{ij} = X_{ij}^1 \cdot n_{tt} + (X_{ij} - X_{ij}^1) \cdot n_{tt}$ = Componente de Crescimento Global (CCG);

$XI_{ij} = X_{ij}^1 \cdot (n_{it} - n_{tt}) + (X_{ij} - X_{ij}^1) \cdot (n_{it} - n_{tt})$ = Componente de Crescimento Estrutural Global; CCEG

$R_{ij} = X_{ij}^1 \cdot (n_{tj} - n_{tt}) + (X_{ij} - X_{ij}^1) \cdot (n_{tj} - n_{tt})$ = Componente de Crescimento Regional (CCR);

$RI_{ij} = X_{ij}^1 \cdot [(n_{tj} - n_{tj}) - (n_{it} - n_{tt})] + (X_{ij} - X_{ij}^1) \cdot [(n_{tj} - n_{tj}) - (n_{it} - n_{tt})]$ = Componente de Crescimento Estrutural Regional (CCER);

η_{tt} = taxa de crescimento das exportações na amplitude espacial (K);

η_{tj} = taxa de crescimento das exportações na região j ;

η_{it} = taxa de crescimento das exportações do grupo de produtos i em todas as regiões;

η_{ij} = taxa de crescimento das exportações do grupo de produtos i na região j .

i = grupos de produtos: capital, intermediários e consumo final - ($i = 1, 2, 3$);

j = regiões: Bahia, Ceará e Pernambuco - ($j = 1, 2, 3$);

$t = \Sigma_{it}$ ou Σ_{ij} = total de um dado grupo de produtos i em todas as regiões ou total de todos os grupos de produtos em uma dada região, respectivamente.

$K = \Sigma_j$ = amplitude espacial: Bahia, Pernambuco e Ceará.

T = anos.

Segundo Wanderley (1997,p.12), o comportamento das componentes exógenas e endógenas da análise, se dá através do efeito homotético, que se caracteriza pela suposição de igualdade entre as estruturas de exportações da região e da amplitude espacial, sendo constituída pelo produto da variável homotética com taxas de crescimento. O efeito do grau de especialização, reforça ou atenua o impacto das

componentes do modelo sobre ΔX_{ij} desde quando $(X_{ij}-X_{ij}^1)$ seja positivo ou negativo, respectivamente. Dessa forma, verifica-se, de um lado, a importância da estrutura de cada grupo de produto para os fluxos comerciais, o que pode ser reflexo das componentes exógenas e/ou endógenas, e do outro, a importância das taxas de crescimento dos fluxos de comércio da amplitude espacial e de cada região.

O quadro 1, a seguir, sintetiza as alternativas de análise das variáveis.

Quadro 1 : Sinais dos Componentes de *Shift-Share Analysis* na Versão de Arcelus.

	Exógeno				Exógena				Endógena				Endógena			
	CCG				CCEG				CCR				CCER			
η_{tt}	+	+	-	-												
$(\eta_{it}-\eta_{tt})$					+	+	-	-								
$(\eta_{tj}-\eta_{tt})$									+	+	-	-				
$[(\eta_{ij}-\eta_{tj}) - (\eta_{it}-\eta_{tt})]$													+	+	-	-
$(X_{ij}-X'_{ij})$	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-
Reforça o impacto	•		•		•		•		•		•		•		•	
Atenua o impacto		•		•		•		•		•		•		•		•
Impacto: ΔX_{ij}	+	+	-	-	+	+	-	-	+	+	-	-	+	+	-	-

Fonte: WANDERLEY(1997,p.8).

Obs.: Os sinais das componentes sendo todos positivos ou negativos, temos os impactos $\Delta X_{ij} > 0$ ou $\Delta X_{ij} < 0$, respectivamente. As demais situações de sinais alternados, os impactos $\Delta X_{ij} > 0$ ou $\Delta X_{ij} < 0$ dependem das grandezas das componentes (neste caso calcula-se a soma da ΔX_{ij} de forma horizontal).

De acordo com o quadro exposto, as Componentes Exógenas de Crescimento Global (CCG) e Estrutural (CCEG) mostram o impacto do crescimento total dos fluxos de comércio para todos os grupos de produtos sobre cada região, contudo a Componente Estrutural se difere por levar em consideração a composição da pauta de exportações das regiões.

As componentes regionais, CCR e CCER, representam o impacto dos fatores endógenos do crescimento das exportações em nível estadual, evidenciando a importância de cada estado do Nordeste. A Componente Estrutural Regional se diferencia da anterior por considerar a composição da pauta de exportações de cada estado.

Diante desse quadro, podemos fazer uma análise que gere algum indicativo sobre o perfil das exportações regionais, segundo as componentes regionais e estruturais, associadas as influências exógenas (amplitude espacial) e endógenas (regiões).

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos resultados das componentes do modelo “*Shift and Share Analysis*”, que tem como base de dados os valores de exportações para o Mercosul dos estados da Bahia, Pernambuco e Ceará no período de 1993 à 1996, é apresentada neste capítulo. Os resultados totais das variações nas exportações por região e grupo de produtos são descritos, a seguir, segundo os impactos exógenos referentes a amplitude espacial, e endógeno que se prende aos resultados da base regional. Para tanto, vejamos, a seguir, os resultados referentes para cada estado.

4.1 BAHIA

Os resultados das componentes para o estado da Bahia, segundo os grupos de produtos – capital, intermediários e consumo final – estão registrados na Tabela 16. Verifica-se que os impactos nas exportações para o Mercosul foram os seguintes: bens de capital, os impactos totais apresentaram resultados positivos em todos os intervalos, nos quais se observa uma certa predominância de aspectos exógenos sobre o desempenho das exportações da Bahia; bens intermediários, constata-se resultados totais positivos nos dois primeiros intervalos devido a CCG em 93/94 e a todos os efeitos exógenos e endógenos em 94/95, bem como, um impacto negativo no último intervalo em face da perda do dinamismo endógeno e exógeno, este através da CCEG; e bens de consumo final, apreende-se impactos totais positivos no primeiro e último intervalo, pois as componentes estruturais exógena e endógena foram basicamente as responsáveis por este dinamismo, enquanto que no segundo intervalo temos um resultado negativo que se deve a ambas componentes estruturais que apresentaram resultados negativos neste intervalo.

TABELA 16

Bahia: Impacto Total, Exógeno e Endógeno das Componentes do Modelo na variação das Exportações para o Mercosul.

GRUPO DE PRODUTOS	EXÓGENA			ENDÓGENA			TOTAL										
	CCG	CCEG		CCR	CCER												
	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3					
Bens de Capital	+	+	+	+	-	+	-	+	-	-	-	+	+	+	+	+	+
Bens de Intermediários	+	+	+	-	+	-	-	+	-	-	+	-	+	+	-	-	-
Bens de consumo final	+	+	+	+	-	+	-	+	-	+	-	+	+	-	+	-	+

Fonte: PROMOEXPORT (1997). ANEXO 13 à 15

Obs: Intervalos: 1 = 1993/1994, 2 = 1994/1995, 3 = 1995/1996.

Diante destes resultados, vejamos algumas considerações visando encontrar explicações que justifiquem os resultados das componentes do modelo. Com base nos indicadores do grau de especialização apresentados na Tabela 17, temos para os bens de capital, que apesar do impacto total nas exportações para o Mercosul ter sido positivo, o grau de especialização das componentes exógenas e endógenas foi negativo em todos os anos, desta forma, conclui-se que a dinâmica do setor no estado é cada vez menor, o que atenua o impacto positivo. Em relação aos bens intermediários, observa-se que a variação positiva das exportações no setor foi reforçada pelo grau de especialização que registrou um sinal positivo em todos os anos, contudo, no último período, intensifica-se o impacto negativo na variação das exportações do setor. Os bens de consumo final tiveram o grau de especialização negativo, o qual mostra uma queda no dinamismo das exportações do setor, enquanto que no período de 94/95, o impacto total negativo na variação das exportações é atenuado.

TABELA 17

Bahia: Grau De Especialização por Ano Base.

PERÍODO	1993	1994	1995	1996
Bens de Capital	-	-	-	-
Bens de Intermediários	+	+	+	+
Bens de consumo final	-	-	-	-

Fonte: PROMOEXPORT (1997). ANEXO 3

Diante do fato de que a Bahia se especializou, a partir da década de 70, em bens intermediários, através da implantação do Pólo Petroquímico de Camaçari, constatou-se um dinamismo nas exportações para o Mercosul nos períodos de 93/94 e 94/95, enquanto que em 95/96, sofreu uma perda de dinamismo neste setor. Os demais setores – bens de capital e de consumo final - não sendo a base de atividades especializada no estado, ficaram subordinados a dinâmica do mercado externo com os países, não sendo, portanto, estimulado ou desestimulado as suas exportações pela sua base produtiva setorial.

Isto pode ser ratificado através da análise de indicadores baseada em participações relativas da exportação setorial a nível do estado, da amplitude espacial e das respectivas taxas de crescimento. As Tabelas 18 e 19, mostram a participação relativa dos três tipos de produtos e a evolução quantitativa do crescimento no período estudado. Assim, apreende-se que, no âmbito da participação a nível do estado, o setor de bens intermediários registrou a importância de 79,39%, contra 4,61% e 16,00% para os respectivos setores de bens de capital e de consumo final. As exportações de bens intermediários apresentaram taxas de crescimento desta participação positiva de 8,0% em 94/95, e negativas para 93/94 e 95/96 com -3,0% e -4,0%, respectivamente. No âmbito da amplitude espacial, os bens intermediários tiveram participação relativa de 89,81%, os bens de capital com 45,75% e os de consumo final com 45,99%, assim como, os bens intermediários apresentaram taxas de crescimento das exportações negativa do período 93/94 de -1,0%, tornando-se positiva a partir de 94/95 com 3%.

TABELA 18

Bahia: Indicadores das Exportações para o Mercosul no período de 1993 -1996			
GRUPO DE PRODUTOS	PARTICIPAÇÃO RELATIVA (%) – MÉDIA 93/96.		
	Endógena	Exógena	Total*
Bens de Capital	4,61	45,75	100
Bens de Intermediários	79,39	89,81	100
Bens de consumo final	16,00	45,99	100
TOTAL	100	-	-

Fonte: PROMOEXPORT (1997), ANEXO 16.

* Total representado pela Bahia, Pernambuco e Ceará.

TABELA 19

Bahia: Indicadores de Crescimento das Exportações para o Mercosul no Período de 1993 -1996 .

GRUPO DE PRODUTOS	TAXAS DE CRESCIMENTO DAS PARTICIPAÇÕES RELATIVAS (%)					
	Endógena			Exógena		
	93/94	94/95	95/96	93/94	94/95	95/96
Bens de Capital	-4,0	-10,0	32,0	-18,0	18,0	-13,0
Bens de Intermediários	-3,0	8,0	-4,0	-1,0	3,0	3,0
Bens de consumo final	18,0	-31,0	15,0	8,0	3,0	2,0

Fonte: PROMOEXPORT (1997). ANEXO 17

4.2PERNAMBUCO

A dinâmica das exportações do estado de Pernambuco está apresentada na Tabela 20, na qual, verifica-se que o impacto total das exportações para o Mercosul foram: os bens de capital registraram variações positivas no primeiro e último intervalos, influenciados pelo comportamento positivo das variáveis exógenas e endógenas, porém no intervalo de 94/95, o desempenho negativo das componentes CCEG e CCR repercutiu negativamente sobre as exportações; os bens intermediários apresentaram resultados positivos até o período de 94/95, passando no último período a sofrer influência das componentes estruturais (CCEG e CCER) que causaram impacto negativo. Em relação aos bens de consumo, registrou-se variações positivas no primeiro período devido a todas as componentes, contudo, a partir do segundo intervalo, passaram a ter variações negativas, influenciados pelo comportamento das componentes estruturais (global e regional), esta última foi determinante no último período.

TABELA 20

Pernambuco: Impacto Total, Exógeno e Endógeno dos Componentes do Modelo na variação das Exportações para o Mercosul.

GRUPO DE PRODUTOS	EXÓGENA						ENDÓGENA						TOTAL		
	CCG			CCEG			CCR			CCER					
	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3
Bens de Capital	+	+	+	+	-	+	+	-	+	+	+	+	+	-	+
Bens de Intermediários	+	+	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	+	-
Bens de consumo final	+	+	+	+	-	+	+	-	+	+	-	-	+	-	-

Fonte: PROMOEXPORT (1997). ANEXO 13 à 15

Obs: Intervalos: 1 = 1993/1994, 2 = 1994/1995, 3 = 1995/1996.

O resultado do Grau de especialização do estado de Pernambuco registrado na Tabela 21, explica o dinamismo das componentes: para os bens de capital foram positivos durante todo o período estudado, reforçando os impactos das componentes de efeito exógeno e endógeno sobre as exportações totais para o Mercosul; com relação aos bens intermediários, nota-se que o resultado negativo do grau de especialização, reduz o dinamismo das exportações para o Mercosul até o período de 94/95, e no último período, o impacto negativo na variação das exportações é atenuado; os bens de consumo final tiveram um comportamento positivo no grau de especialização em 1993 e 1994, contudo em 1995 e 1996, os resultados foram negativos, reforçando e atenuando, respectivamente, os correspondentes impacto total das componentes sobre a variação das exportações de Pernambuco para o Mercosul. De acordo com os dados da Tabela 19, observa-se que o grau de especialização para os bens de consumo final foi positivo até o ano de 1994, reforçando o impacto também positivo das exportações para o Mercosul e o dinamismo do setor, contudo a partir de 95, o grau de especialização se tornou negativo, atenuando o não dinamismo do setor nas exportações, verificado no impacto total a partir do intervalo de 94/95, quando o desempenho foi negativo nos intervalos seguintes.

TABELA 21

Pernambuco: Grau de Especialização por ano base.

GRUPO DE PRODUTOS	INTERVALOS			
	1993	1994	1995	1996
Bens de Capital	+	+	+	+
Bens de Intermediários	-	-	-	-
Bens de consumo final	+	+	-	-

Fonte: PROMOEXPORT (1997). ANEXO 3

Com base na Tabela 22, que apresenta os indicadores das exportações para o Mercosul no período de 1993-1996, constata-se que a participação setorial dos bens intermediários para o estado foi de 43,10% , contra 31,29% dos bens de capital e 25,61% dos bens de consumo final. Porém, a nível da amplitude espacial, verifica-se que o setor de bens de capital teve o melhor desempenho dentre os demais com 47,9%, contrapondo-se aos de consumo final e intermediários com 12,75% e 7,99%, respectivamente.

A Tabela 23, a seguir, apresenta o desempenho setorial do estado de Pernambuco nas exportações para o Mercosul através das taxas de crescimento da participação relativa para o estado e amplitude espacial. Nota-se os seguintes resultados: no âmbito do estado, os bens de capital tiveram taxas crescentes com 3,0%, 24% e 77%, durante o período, enquanto que os bens intermediários participaram com taxas negativas de -22% em 93/94 e -20% em 95/96, e positiva em 94/95; os bens de consumo final tiveram taxas de crescimento negativas em 94/95 de -51,0% e em 95/96 de -59,0%, sendo positiva no primeiro intervalo com 29,0%.

Por outro lado, no âmbito da amplitude espacial, observa-se que os bens de capital tiveram taxas positivas de crescimento em 93/94 e 95/96 de, respectivamente, 16% e 18%, e negativa no intervalo 94/95 de -12%; os bens intermediários, tiveram taxa positiva no intervalo de 93/94 de 5%, e negativas de -26% e -12%, respectivamente, nos intervalos de 94/95 e 95/96; e os bens de consumo final tiveram taxa positiva no

intervalo de 93/94 de 54,0%, porém, nos intervalos de 94/95 e 95/96, as taxa passaram a ser negativas de, respectivamente, -60,0% e -63,0%.

TABELA 22

Pernambuco: Indicadores das Exportações para o Mercosul no período de 1993 -1996 .

GRUPO DE PRODUTOS	PARTICIPAÇÃO RELATIVA (%) – MÉDIA 93/96		
	Endógena	Exógena	TOTAL*
Bens de Capital	31,29	47,90	100
Bens de Intermediários	43,10	7,99	100
Bens de consumo final	25,61	12,75	100
TOTAL	100	-	-

Fonte: PROMOEXPORT (1997). ANEXO 16

* representado pela Bahia, Pernambuco e Ceará.

TABELA 23

Pernambuco: Indicadores de Crescimento das Exportações para o Mercosul no Período de 1993 -1996 .

GRUPO DE PRODUTOS	TAXAS DE CRESCIMENTO DAS PARTICIPAÇÕES RELATIVAS (%)					
	Endógena			Exógena		
	93/94	94/95	95/96	93/94	94/95	95/96
Bens de Capital	3,0	24,0	77,0	16,0	-12,0	18,0
Bens de Intermediários	-22,0	44,0	-20,0	5,0	-26,0	-12,0
Bens de consumo final	29,0	-51,0	-59,0	54,0	-60,0	-63,0

Fonte: PROMOEXPORT (1997). ANEXO 17

4.3CEARÁ

O impacto total das componentes nas exportações do Ceará estão registrados na Tabela 24, na qual, verifica-se que o resultado total para os bens de capital teve um comportamento irregular, com impacto total positivo no primeiro e último período, influenciado basicamente pelas componentes estruturais de natureza exógena e

endógena. No período de 94/95, o resultado negativo foi marcado também pelo efeito destas componentes. Os bens intermediários tiveram um resultado positivo até o período 94/95, no qual, as componentes estruturais foram determinantes, pois no primeiro intervalo deveu-se a influência endógena e, no segundo, a CCEG e CCER, porém, no intervalo 95/96, nota-se uma inversão no comportamento das exportações, passando a ter um impacto negativo, reflexo das componentes estruturais endógenas e exógenas. Com relação aos bens de consumo final, verifica-se um comportamento positivo das exportações em todos os intervalos, apesar do desempenho negativo das componentes endógenas, ambas no período de 93/94, e da componente estrutural global em 94/95.

TABELA 24

Ceará: Impacto Total, Exógeno e Endógeno dos Componentes do Modelo na variação das Exportações para o Mercosul.

GRUPO DE PRODUTOS	EXÓGENA			ENDÓGENA			TOTAL					
	CCG	CCEG		CCR	CCER							
	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3
Bens de Capital	+	+	+	+	-	+	-	+	+	+	-	+
Bens de Intermediários	+	+	+	-	+	-	-	+	+	+	+	-
Bens de consumo final	+	+	+	+	-	+	-	+	+	+	+	+

Fonte: PROMOEXPORT (1997). ANEXOS 13 à 15

Obs: Intervalos: 1 = 1993/1994, 2 = 1994/1995, 3 = 1995/1996.

De acordo com a Tabela 25, que apresenta o resultado do grau de especialização do estado do Ceará, temos os seguintes impactos: o grau de especialização dos bens de capital foi negativo durante todo o período, dessa forma, o desempenho positivo das exportações nos intervalos 93/94 e 95/96 foi atenuado, contudo, no intervalo 94/95, o impacto negativo das exportações foi atenuado pelo grau de especialização também negativo; os bens intermediários tiveram um resultado negativo do grau de especialização, que atenuou o resultado positivo das exportações no setor em 93/94 e 94/95, e também o resultado negativo em 95/96. O estado teve um resultado positivo no grau de especialização para os bens de consumo final, que reforçou o desempenho do

setor nas exportações totais, dessa forma, observa-se que o setor de bens de consumo final representa a dinâmica da economia do Ceará.

TABELA 25

Ceará: Grau de Especialização por Ano base.

Período	1993	1994	1995	1996
Bens de Capital	-	-	-	-
Bens de Intermediários	-	-	-	-
Bens de consumo final	+	+	+	+

Fonte: PROMOEXPORT (1997). ANEXO 3

As análises das Tabela 26 e 27, que representam os indicadores das exportações para o Mercosul no período de 1993-1996 e as taxas de crescimento no período, reforçam os resultados das componentes. De acordo com a Tabela 26, constata-se que o setor de bens de consumo final se destacou na dinâmica setorial do estado com 84,36% das exportações, contra 11,76% e 3,88% dos bens intermediários e de capital, respectivamente. No âmbito da amplitude espacial, observa-se a predominância dos bens de consumo final com 41,26% em relação aos demais setores, com 6,35% para os bens de capital e 2,19% para os intermediários .

TABELA 26

Indicadores das Exportações para o Mercosul no Período de 1993 -1996

GRUPO DE PRODUTOS	PARTICIPAÇÃO RELATIVA (%) – MÉDIA 93-96		
	Endógena	Exógena	Total*
Bens de Capital	3,88	6,35	100
Bens de Intermediários	11,76	2,19	100
Bens de consumo final	84,36	41,26	100
TOTAL	100	-	-

Fonte: Promoexport (1997). ANEXO 16

* representado pela Bahia, Pernambuco e Ceará.

As taxas de crescimento, apresentadas na Tabela 25, ratificam os resultados das componentes no âmbito do estado e amplitude espacial. Verifica-se que a nível do estado os bens de capital participaram com, respectivamente, 88% e 6% nos intervalos

de 93/94 e 95/96 e taxa negativa de -29% no intervalo de 94/95; os bens intermediários registraram 21% e 9% nos intervalos 93/94 e 95/96, respectivamente, e -70% no último intervalo, enquanto que os de consumo final tiveram taxa negativa no primeiro período de 6% e taxas positivas de ,respectivamente, 1% e 13% nos intervalos de 94/95 e 95/96. O efeito exógeno que correspondente a amplitude espacial: Bahia, Pernambuco e Ceará; teve os seguintes resultados: bens de capital tiveram taxa positiva de 37% em 93/94, e taxas negativas de -14% e -23% nos intervalos de 94/95 e 95/95, respectivamente; os bens intermediários tiveram taxa positiva de 5% no intervalo de 93/94, enquanto que, nos intervalos de 94/95 e 95/96 tiveram taxas de ,respectivamente, -4% e -64%; Os de consumo final participaram com -27% em 93/94, 40% em 94/95 e 11% no último período em 95/96.

TABELA 27

Indicadores de Crescimento das Exportações para o Mercosul no período de 1993-1996

GRUPO DE PRODUTOS	TAXAS DE CRESCIMENTO DAS PARTICIPAÇÕES RELATIVAS (%)					
	Endógena			Exógena		
	93/94	94/95	95/96	93/94	94/95	95/96
Bens de Capital	88,0	-29,0	6,0	37,0	-14,0	-23,0
Bens de Intermediários	21,0	9,0	-70,0	5,0	-4,0	-64,0
Bens de consumo final	-6,0	1,0	13,0	-27,0	40,0	11,0

Fonte: PROMOEXPORT (1997). ANEXO 17

4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da Tabela 28, que apresenta os indicadores das exportações para o Mercosul no período de 1993-1996 dos estados da Bahia, Pernambuco e Ceará, no âmbito da amplitude espacial, verificou-se os seguintes resultados: o estado que teve maior participação na exportação de bens de capital foi Pernambuco com 47,90%, enquanto que a Bahia e Ceará registraram com 45,75% e 6,35%, respectivamente; na exportação de insumos intermediários, destacou-se o estado da Bahia com 89,8%, e os demais

estados tiveram 7,99% para Pernambuco e 2,19% o Ceará. Com relação aos bens de consumo final, a Bahia e o Ceará se equívalem, pois tiveram as maiores participações 45,9% e 41,2% , contra Pernambuco com 12,75% .

TABELA 28

Indicadores das Exportações para o Mercosul no período de 1993-1996.

GRUPO DE PRODUTOS	PARTICIPAÇÃO MÉDIA RELATIVA (%)		
	Amplitude Espacial		
	BAHIA	PERNAMBUCO	CEARÁ
Bens de Capital	45,75	47,90	6,35
Bens de Intermediários	89,81	7,99	2,19
Bens de Consumo final	45,99	12,75	41,26

Fonte: PROMOEXPORT (1997). ANEXO 16

Quando relacionamos as exportações no âmbito do estado, observa-se que a Bahia e o Ceará foram os estados que tiveram as menores participações nos volumes de exportações dos estados em bens de capital com apenas 4,61% e 3,88%, em contrapartida, ratifica-se o desempenho do estado de Pernambuco na produção e exportação setorial destes bens com 31,29%. As participações relativas dos estados da Bahia e Pernambuco na produção e exportação dos insumos intermediários foi, respectivamente, 79,39% e 43,10%, enquanto que o Ceará ficou com 11,76%. Por outro lado, o Ceará destacou-se na produção de bens de consumo final com 84,36% das exportações a nível de estado, em relação a Bahia e Pernambuco, 16% e 25,61%.

TABELA 29

Indicadores das Exportações para o Mercosul no período de 1993-1996.

GRUPO DE PRODUTOS	PARTICIPAÇÃO MÉDIA RELATIVA (%)		
	Estado		
	BAHIA	PERNAMBUCO	CEARÁ
Bens de Capital	4,61	31,29	3,88
Bens de Intermediários	79,39	43,10	11,76
Bens de consumo final	16,00	25,61	84,36

Fonte: PROMOEXPORT (1997). ANEXO 16

Conclui-se, a partir da análise dos dados, que o estado da Bahia teve a sua pauta de exportações baseada em produtos intermediários, refletindo a estrutura produtiva da economia baiana. Esta característica decorreu de todo o processo de industrialização que se deu na região em meados da década de 60 e toda a década de 70 através da implantação do Centro Industrial de Aratu (CIA) e do Pólo Petroquímico de Camaçari, quando se verificou a integração regional através da ampliação dos investimentos em infra-estrutura e da descentralização da indústria no Sudeste. Além disso, o grau de especialização que mede a dinâmica de cada grupo de produtos nos intervalos registrou impactos positivos em todos os períodos de análise, reforçando a importância do setor para a economia baiana.

O estado de Pernambuco, por sua vez, teve sua dinâmica baseada nas exportações de bens de capital, com participações crescentes nas exportações do gênero de máquinas e equipamentos eletro-eletrônicos. Este resultado pode ser confirmado através do grau de especialização positivo para os bens de capital durante todo o período, contudo percebeu-se também um certo dinamismo nas exportações dos bens de consumo final até 1994, principalmente no gênero da indústria alimentícia, bebidas, fumo e suas obras. O estado do Ceará, conforme se verificou pela análise das componentes, teve seu dinamismo baseado nas exportações de bens de consumo final, principalmente no gênero de materiais têxteis e suas derivações. Este dinamismo foi confirmado pelo resultado positivo do grau de especialização.

5 CONCLUSÃO

Este item do trabalho pretende fazer uma reflexão acerca dos resultados obtidos pela utilização do modelo de *Shift-Share Analysis*, tendo como objeto de análise o dinamismo das exportações para o Mercado do Cone Sul (Mercosul) dos estados – Bahia, Pernambuco e Ceará – no período entre 1993-1996. O trabalho apresentou uma visão do processo de desconcentração industrial iniciado a partir da década de 1960, através de mudanças estruturais na economia nordestina com a implantação do Centro Industrial de Aratu (CIA) e do Complexo Petroquímico de Camaçari, este na década de 70, ambos na Bahia; e da modernização dos aparelhos industriais existentes, a exemplo da indústria têxtil cearense. Segundo GUERRA E GONZALEZ (1996:38-39), a transferência de capital industrial para o Nordeste surgiu da necessidade de diminuir os desequilíbrios regionais e também como fonte de suprimento da demanda de insumos básicos para indústrias no Centro-Sul do país. Desta forma, os incentivos fiscais e financeiros e os investimentos em infra-estrutura repercutiram de forma positiva para a economia nordestina como um todo, possibilitando a diminuição dos riscos do capital privado e garantindo as vantagens comparativas.

Porém, a partir da década de 1990, verificou-se um novo paradigma, no qual, a intervenção estatal na economia é cada vez menor, inclusive no que diz respeito a dotação de recursos para infra-estrutura, que entre 1990/96 foi de -6,3% na região nordestina, reflexo da crise fiscal em 1980. Observou-se pela análise dos indicadores do Nordeste nas três últimas décadas, que o coeficiente médio de investimento entre 1990/96 foi o menor desde a fase de desconcentração industrial, com 16,9%, refletindo as crises sócio-econômicas do período com a implementação do Plano Collor em 1990 e do Plano Real em 1994. Além disso, a forte estiagem entre 1990 e 1993 prejudicou de forma significativa as exportações do Nordeste, principalmente em bens de consumo primários.

De acordo com a análise dos dados, confirma-se que a dinâmica das exportações para o Mercosul é dada pelo gênero petroquímico (ind. químicas e conexas), destacando-se a Bahia como principal produtora do segmento, com uma taxa média da participação relativa na amplitude espacial em torno de 89,81%, em relação aos estados de Pernambuco e Ceará, porém cabe destacar que o gênero de plásticos, borrachas e suas obras se destacou como o 2º gênero mais exportado pela Bahia para o Mercosul.

Vale ressaltar, que o segmento de bens intermediários teve taxa negativa de crescimento no período 93/94, que foi consequência da recessão econômica do início dos anos 90, na qual, a conjuntura econômica refletia queda nas alíquotas de importações e a grande oferta do gênero petroquímico. Contudo, a partir de 1994, com a criação do Plano real, o contexto econômico se modificou, ocorreu o aumento da demanda interna e externa pelo produto petroquímico, repercutindo de forma positiva para o crescimento das exportações no período 94/95.

No segmento de bens de consumo final, destaca-se o Ceará na produção e volume exportado do gênero têxtil e suas derivações, cujo processo de modernização se deu em meados da década de 80, repercutindo de forma positiva para economia cearense; a Bahia também teve saldos positivos nas exportações de produtos das indústria alimentícia como o cacau e suas derivações, bebidas e fumo. De acordo com o Balanço anual da Gazeta Mercantil de setembro de 1995, a participação da indústria têxtil neste ano foi de 35,82% do PIB, assegurando a 2º colocação a nível nacional, ficando atrás apenas de São Paulo, o maior produtor no gênero. A taxa média da participação relativa da amplitude espacial confirma o desempenho do estado nas exportações para o Mercosul no período entre 1993-1996, que foi de 41,26%.

Com relação aos bens de capital, o estado de Pernambuco apresentou os melhores indicadores de exportações para o Mercosul deste gênero com 47,90% da participação média relativa da amplitude espacial, principalmente nas exportações de máquinas e equipamentos eletro-eletrônicos, e 31,29% do volume total do estado.

De acordo com o exposto, percebemos que a pauta de exportações do Nordeste para o Mercosul está concentrada no setor petroquímico, têxtil e em alimentos e bebidas, causando impactos diferenciados dentro da própria região nordestina. Com relação as demais regiões, nota-se a dinâmica maior da região Sudeste e Sul no fluxo de exportações, com respectivamente, 68,5% e 22,6% em 1995.

A tendência de reconcentração industrial no Centro-Sul tornou-se evidente com a consolidação do Mercado do Cone Sul, não só pela localização privilegiada das regiões dos Centro-Sul do país, mas principalmente pela condições de desenvolvimento das forças produtivas das regiões, ou seja, infra-estrutura existente, mão-de-obra qualificada, mercado consumidor, matérias-primas. Desta forma, verifica-se que a região sul e sudeste oferecem todas as condições de investimento produtivo. Além disso, as perspectivas de investimento no Centro-Sul para Ampliação do Pólo Petroquímico do Rio Grande do Sul; o Pólo gás-químico do Rio de Janeiro e a implantação do Pólo Petroquímico de Paulínia em São Paulo, nos leva a acreditar no acirramento da competitividade das regiões Sudeste e Nordeste, em particular a Bahia, maior produtora do gênero na região nordestina.

Vale ressaltar, que o surgimento do Mercado do Cone Sul proporcionou o crescimento da participação nordestina no fluxo de comércio com os países do Mercosul, no entanto, observa-se que o intercâmbio comercial é restringido pela necessidade de investimentos na construção e modernização da infra-estrutura produtiva, no desenvolvimento de centros de eficiência técnica para o desenvolvimento da mão-de-obra local. Além dos aspectos estruturais, observa-se a necessidade de uma política de incentivos fiscais, que venha a beneficiar não só os setores competitivos, mas aqueles que tenham potencial de crescimento para a região se inserir no mercado interno e externo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, Anita Beatriz Nazareth. O Mercosul e a Integração Latino – Americana. **Boletim de Integração latino-americana**, MPE/ SGIE/GETEC, n.14 , jul./1994.
- ANDIMA. **Relatório econômico**: Mercosul. Rio de Janeiro, [19--]. 153p.
- ARAÚJO, José Tavares de. Reestruturação industrial e integração econômica: as perspectivas do Mercosul. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, jan./mar. 1993.
- ARCELUS, F. J. An extension of Shift-Share Analysis. **Growth and Change**, USA, v.15, n.1, p.3-8, 1984.
- AVENA, Armando. Notas sobre a dinâmica regional e as perspectivas do Nordeste frente ao processo de reconcentração econômica. In: SEI. **O nordeste e a nova realidade econômica**. (Série de Estudos e Pesquisas, 25). Salvador, SEI, 1995.
- DINIZ, Clélio Campolina. **O Nordeste e o Mercosul**. 1996. Trabalho apresentado no Simpósio Internacional A Reforma do Estado e o Desenvolvimento do Nordeste na Economia Globalizada, promovido pelo Governo do Estado da Bahia, com apoio do Banco Mundial e do IPEA. Mimeo.
- FERNANDES, Maria Cristina. Mudança de perfil, **Balanço Anual**, São Paulo: Gazeta Mercantil, Ano I, n. 1, p. 16-18, set./1995.
- FERREIRA, Assuéro. O crescimento recente da economia cearense. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 26, n. 2, p. 157-179, abr./jun./1995.
- GUERRA, Oswaldo F., GONZALEZ, Paulo Sérgio H. Indústria- evolução recente e perspectivas para a economia baiana. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 27, n. 1, p. 37-76, jan./mar./1996.
- IBGE. **Pesquisa Industrial 1992**. Rio de Janeiro, 1993.
- INFORMATIVO DO COMÉRCIO EXTERIOR DA BAHIA. Salvador, jan./dez./1997.
- LOUREIRO, Ana Luiza Jardim, SILVA, Silvio Chagas da. **Evolução das exportações dos estados nordestinos do Brasil**: período 1980/1990. Maceió: UFAL, 1996. Mimeo.
- MENDES, Constantino Cronemberg. Integração e dinamismo comercial no Mercosul: A Bahia e o Nordeste. In: SEI. **A Bahia e o Mercosul**. n.30, Salvador, SEI, 1996.

- MENEZES, Ana Maria F., MENEZES, Eline Viana. **O Nordeste brasileiro no processo de reestruturação econômica: inclusão ou exclusão?**. SBPC, Feira de Santana, nov./1996. Material apresentado na IV Reunião Especial da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).
- MOREIRA, Heródoto de Sousa. Atividade econômica global. **Boletim Conjuntural**, Recife, SUDENE, n. 4, p.11-31, 1997.
- PROMOEXPORT. Mercosul: o processo de integração se afirma. Salvador, 1995. Cópia xerox.
- REVISTA MERCOSUL, São Paulo, Folha de São Paulo; Clarim, jan. 1995.
- ROLIM, Cássio Frederico C. Integração x integração: A busca de conceitos perdidos. In: LAVINAS, Lena et al. (Org.). **Integração região e regionalismo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. 311p.p.55-87.
- SANTANA, Vera Lúcia Veiga. O Mercosul e os reflexos na economia brasileira. **Bahia Análise & Dados**, Salvador, CEI, v.2, p98-101, jun. 1992.
- SANTIAGO, Livia Ferrari de. Chile decide investir US\$ 780 milhões na integração do Cone Sul. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p.A-6. dez.1995.
- WANDERLEY, Lívio de Andrade. Globalização: industrialização do Nordeste e (des) regionalização, **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v.27, n. 1, p. 13-35, jan./mar./1996.
- WANDERLEY, Lívio de Andrade. **Reestruturação e integração econômica: O Mercosul e o Nordeste brasileiro**, 1996.Mimeo.
- WANDERLEY, Lívio Andrade. **Integração Inter-regional da indústria e emprego no Nordeste**. São Paulo, 1994, 335p. Tese (Doutorado em Administração de Empresas), Fundação Getúlio Vargas, 1994.

ANEXOS